



**Projeto de Educação Sexual do Agrupamento Vertical de Escolas  
do Sudeste do Concelho de Baião**

Revisto pelo Coordenador do Projeto: Alberto Cardoso

**Quadriénio 2013 - 2017**

# ÍNDICE

1. Justificação do Projeto .....	3
2. Elementos da Equipa Interdisciplinar .....	4
3. Conceito de Sexualidade .....	4
4. A Educação Sexual em Contexto Escolar .....	5
5. Relação Escola - Família.....	7
6. Desenvolvimento do Projeto.....	8
6.1 Conteúdos e Objetivos.....	9
6.1.1. Conteúdos mínimos de Educação Sexual .....	9
7. Metodologia/ Estratégias.....	11
8. Planificação .....	15
9. Calendarização .....	16
10. Avaliação .....	16
11. Bibliografia Recomendada .....	17
12. Anexos.....	19

# 1. Justificação do Projeto



O conceito actual de saúde preconiza a integração de intervenções preventivas globais, através da promoção de competências pessoais e sociais para a saúde.

O Despacho nº 25 995/2005 e o edital da DGIDC de 2 de Fevereiro de 2006, enquadram o desenvolvimento de um processo de implementação de programas e projetos sobre “Educação para a Saúde” nas escolas, nos quais se inclui uma componente de Educação Sexual. O Despacho nº 15 987/2006 de 27 de Setembro, assim como os relatórios produzidos pelo Grupo de Trabalho para a Educação Sexual, vêm reforçar que a Educação Sexual faz parte da componente da Educação para a Saúde. O Relatório Final do GTES veio enquadrar a educação sexual como uma das quatro componentes prioritárias do Projecto de Educação para a Saúde (PES), que integra para além da área da “Sexualidade e Infeções Sexualmente Transmissíveis”, as questões da “Alimentação e Atividade Física”, dos “Consumos de Substâncias Psico-activas” e da “Violência em Meio Escolar”. (GTES, Relatório Final, 2007: 28-29). Sendo assim a Educação Sexual deve ser considerada obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino e integrar o Projeto Educativo de Escola, sempre tendo em conta a especificidade da comunidade escolar (GTES, Relatório Final, 2007: 4).

É essencial que as escolas ajudem os seus alunos a desenvolverem um conjunto de competências que lhes permitam encontrar uma conduta sexual que contribua para a sua realização pessoal, ao longo da vida. Recentemente, a Lei n.º 60/2009 de 6 de Agosto, que “Estabelece o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar”, veio tornar obrigatória a abordagem da Educação Sexual em contexto de sala de aula, pela necessidade de uma abordagem do tema de uma forma explícita, intencional e pedagogicamente estruturada e a Portaria nº 196-A/2010 veio regulamentar essa mesma Lei.

Sendo assim, é nosso propósito trabalhar para que a Educação Sexual seja implementada de forma gradual e equilibrada no nosso Agrupamento, no respeito pelas orientações legais e tendo em conta as questões e os anseios dos alunos e as preocupações dos pais e encarregados de educação.

Cabe-nos, ainda, clarificar que a Educação Sexual que preconizamos parte da perspetiva de desenvolvimento da pessoa, na sua globalidade, no sentido em que a sexualidade é considerada uma força estruturante no processo de evolução individual.

## 2. Elementos da Equipa Interdisciplinar

- Coordenador do PES;
- Um elemento da Direção do Agrupamento;
- Coordenador dos professores do 1º Ciclo;
- Centro de Saúde de Baião;
- Psicóloga da Escola;
- Assistente Social;

## 3. Conceito de Sexualidade



“(…) A sexualidade, quando inserida nas circunstâncias de vida de uma pessoa, participa do seu processo de desenvolvimento e, é um instrumento que propicia experiências indispensáveis ao crescimento pessoal, à autonomia e ao desenvolvimento da individualidade. Percebemos que há um vínculo estabelecido entre a sexualidade e a cidadania, acreditando que, pela vivência saudável da sexualidade, cada um aprende a relacionar-se melhor consigo mesmo e com o outro, percorrendo um caminho mais seguro na construção da sua identidade e, em consequência da sua cidadania” (Moraes, 2006: 20).

Muitos dos receios em torno da Educação Sexual, devem-se à ideia redutora do conceito de Sexualidade. Pois, a Sexualidade para a maior parte das pessoas, resume-se ao sexo e ao sistema reprodutor. É verdade que a reprodução é uma componente indispensável nos programas de Educação Sexual, mas a Sexualidade é muito mais abrangente.

Estamos, hoje, mais conscientes de que a sexualidade não se esgota no ato sexual uma vez que ela é prazer e descoberta, é palavra e gesto, é amizade e afeto, satisfação e sofrimento, enfim, é expressão da nossa existência. A sexualidade expressa-se não só no que sabemos, mas sobretudo nos nossos sentimentos, atitudes e comportamentos. A sexualidade aparece mais como uma experiência pessoal, fundamental na construção do sujeito, ela é, segundo a Organização Mundial de Saúde:

“(...) uma energia que nos motiva para encontrar amor, contacto, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual.

A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental” (Pereira, 2006: 15).

Em suma, a **Sexualidade** engloba:

- Identidade de género (masculino/feminino);
- Os afetos e a autoestima, isto é, os nossos sentimentos em relação a nós próprios e em relação aos outros, em relação a todas as mudanças do nosso corpo, etc.
- Todas as alterações físicas e psicológicas ao longo da nossa vida;
- Conhecimento da anatomia - fisiologia do sexo feminino e masculino;
- Higiene na puberdade;
- A gravidez, o parto, a maternidade e a paternidade;
- Os métodos contraceptivos;
- As doenças sexualmente transmissíveis.

Então, a sexualidade precisa de ser entendida numa abordagem mais ampla, como atributo de todo o ser humano e que, por esta razão é parte integrante das relações que este estabelece consigo mesmo e com os outros.

## **4. A Educação Sexual em Contexto Escolar**

“(...) poderíamos apontar como grande objectivo da Educação Sexual escolar o de contribuir (ainda que parcialmente) para uma vivência mais informada, mais gratificante e mais autónoma, logo, mais responsável da sexualidade” (Frade et al, 2001: 19).

A abordagem de temas sexuais na escola pode contribuir para o desenvolvimento de determinadas competências sociais pois a frequência de programas de educação sexual aumenta os comportamentos preventivos, nomeadamente o uso de contraceptivos nos

jovens envolvidos em relações sexuais. Outras competências que podem ser exercitadas são, também, os mecanismos da tomada de decisão, a utilização dos recursos disponíveis e as capacidades de comunicar. A Educação Sexual na escola é um dos fatores que contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos: que dizem respeito à tomada de decisões sobre a fertilidade, saúde reprodutiva e maternidade/paternidade responsáveis.

O trabalho de Educação Sexual também contribui para a prevenção de problemas graves, como o abuso sexual e a gravidez indesejada. Relativamente à gravidez indesejada, o debate sobre a contraceção, o conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais e a reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a perceção sobre os cuidados necessários quando se quer evitá-la. A sexualidade em contexto escolar contribui, ainda, para a prevenção do abuso sexual de crianças e jovens, pois ao favorecer a apropriação do corpo e o desenvolvimento da auto-estima, promove a consciência de que o corpo só ao mesmo pertence, e deve unicamente ser tocado por outro com o seu consentimento ou por razões de saúde e higiene.

Mas, é sobretudo no domínio dos conhecimentos que a escola poderá ter um papel importante, quando comparada aos outros agentes de socialização que referimos. Ao contrário do que acontece habitualmente com os media, a escola tende a promover uma aprendizagem de forma articulada e com um sentido lógico. Por outro lado, a escola, por ser um espaço de ensino formal e de saberes interdisciplinares, é capaz de transmitir conhecimentos técnicos e científicos que, muitas vezes, as famílias não podem promover devido à sua natureza informal e pela deficiente preparação e dificuldades de comunicação de muitos progenitores.

Em síntese, a Educação Sexual é um processo pelo qual se obtém informação, se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e do comportamento sexual.

#### **Tem como objetivos:**

- Desenvolver de competências nos jovens que permitam escolhas informadas e seguras no campo da sexualidade;
- Melhorar os relacionamentos afectivos - sexuais;
- Reduzir possíveis consequências negativas dos comportamentos sexuais, tais como a gravidez não planeada e as infeções sexualmente transmissíveis (IST);
- Desenvolver a capacidade de protecção face a todas as formas de exploração e de abuso sexuais (GTES, Relatório Preliminar, 2005).

**Os valores básicos e princípios éticos que norteiam a educação sexual são os seguintes:**

- O reconhecimento de que a sexualidade, como fonte de prazer e de comunicação, é uma componente positiva e de realização do desenvolvimento pessoal e nas relações interpessoais;
- Valorização das diferentes expressões da sexualidade, nas várias fases de desenvolvimento, ao longo da vida;
- Respeito pela pessoa do outro, quaisquer que sejam as suas características físicas e a sua orientação sexual;
- Promoção da igualdade de direitos e de oportunidades entre os sexos;
- Respeito pelo direito à diferença;
- Reconhecimento da importância da comunicação e do envolvimento afectivo e amoroso na vivência da sexualidade;
- Reconhecimento do direito a uma maternidade/ paternidade livres e responsáveis;
- Reconhecimento que a autonomia, a liberdade de escolha e uma informação adequada são aspectos essenciais para a estruturação de atitudes responsáveis no relacionamento sexual;
- Recusa de formas de expressão da sexualidade que envolvam manifestações de violência e promovam relações de dominação e de exploração.

## **5. Relação Escola - Família**

O trabalho de Educação Sexual compreende a acção da escola como complemento à educação dada pela família. Sendo assim, cabe à escola informar os familiares dos alunos sobre os objectivos e conteúdos da Educação Sexual, incluída na proposta curricular, e explicitar os princípios norteadores do trabalho (artigo 11º da Lei n.º 60/2009 de 6 de Agosto; GTES, Relatório Final, 2007).

A implementação, com êxito, da Educação Sexual na escola, depende, em grande parte, do apoio dos pais/ Encarregados de Educação. Não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece. O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade, se possam expressar.

## 6. Desenvolvimento do Projeto

A planificação do Projeto de Educação Sexual da Turma, deve integrar o Plano de Turma e, como tal, deve ser planeado, em Conselho de Turma e discutido com os alunos.

A responsabilidade do desenvolvimento do Projeto é do Conselho de Turma, sugerindo-se que haja uma interdisciplinaridade, para que se aplique o conceito de transversalidade que o tema apresenta (ponto 1 do Artigo 7.º da Lei n.º 60 de 6 de Agosto de 2009). Nomeadamente, nos temas que se relacionam com questões de fisiologia e morfologia humana, para minimizar os conflitos de conceitos, pela especificidade que os conteúdos apresentam, aconselhamos que, nesta fase, os mesmos sejam dados pelos professores de Ciências da Natureza e/ou Naturais do conselho de turma ou outro profissional convidado que tenha habilitações próprias para tal.

É importante que prevaleçam as situações de abordagem dos conteúdos em contexto de sala de aula.

Os conteúdos a serem abordados por cada turma devem ser previamente selecionados, respeitando as orientações do Ministério da Educação, para cada ciclo e o ano de escolaridade em que se encontram relativamente ao início do projeto.

Foram já elaborados os objetivos para cada conteúdo mínimo a abordar em cada um dos ciclos (ver ponto 5.1), no sentido de facilitar a interpretação dos mesmos.

Serão fornecidos pela Equipa PESES alguns materiais pedagógicos para apoio às aulas, contudo cada professor pode e deve dentro da sua planificação procurar reunir outro tipo de informação/material.

A equipa do PESES estará sempre disponível para, dentro das suas competências e disponibilidade, colaborar com todos os intervenientes no desenvolvimento deste projeto de Educação Sexual.

A Escola aderiu a um Programa Regional de Educação Sexual em Meio Escolar, no ano letivo 2010-2011 (PRESSE) tendo sido implementado a todos os alunos do 2º Ciclo, para o qual todos os Diretores de Turma do referente ano receberam formação acreditada na área de educação sexual, desse programa. A partir do ano letivo de 2011-2012, e, após nova adesão face a uma candidatura aprovada, o Agrupamento implementou o PRESSE a todos os alunos do 1º, 2º e 3º ciclos deste Agrupamento. Tendo em conta que a aplicação deste programa prevê formação no mesmo, todos os Diretores de Turma (que ainda não tenham recebido formação) e professores titulares de turma, receberão informação/formação da aplicação do referido Projeto.



## **6.1 Conteúdos e Objetivos**

A abordagem da Educação Sexual tem como finalidades gerais:

- Compreender o conceito de sexualidade humana em todas as suas dimensões;
- Desmistificar as falsas crenças relativas a aspectos da sexualidade;
- Desenvolver capacidades sociais que promovam os vínculos afectivos e o relacionamento interpessoal;
- Ser capaz de expressar sentimentos e opiniões e de comunicar acerca do tema da sexualidade.

### **6.1.1. Conteúdos mínimos de Educação Sexual**

No contexto nacional atual, os objetivos mínimos da área de educação sexual devem contemplar os seguintes conteúdos:

#### **1º Ciclo (1º ao 4º ano)**

- Noção de corpo;
- O corpo em harmonia com a Natureza;
- Noção de família;
- Diferenças entre rapazes e raparigas;
- Proteção do corpo e noções dos limites, dizendo não às aproximações abusivas.

#### **2º Ciclo (5º e 6º anos)**

- Puberdade: aspectos biológicos e emocionais;
- O corpo em transformação;
- Carateres sexuais secundários;
- Normalidade, importância e frequência das suas variantes biopsicológicas;
- Diversidade, tolerância;
- Sexualidade e género;
- Reprodução humana e crescimento; contraceção e planeamento familiar.

### **3º Ciclo (7º ao 9º anos)**

- Compreensão da fisiologia geral da reprodução humana;
- Compreensão do ciclo menstrual e ovulatório;
- Compreensão da sexualidade como uma das componentes mais sensíveis da pessoa, no contexto de um projecto de vida que integre valores (ex: afetos, ternura, crescimento e maturidade emocional, capacidade de lidar com frustrações, compromissos, abstinência voluntária) e uma dimensão ética;
- Compreensão da prevalência, uso e acessibilidade dos métodos contraceptivos e conhecer, sumariamente, os mecanismos de acção e tolerância (efeitos secundários);
- Compreensão da epidemiologia e prevalência das principais IST em Portugal e no mundo (incluindo infecção por VIH/Vírus da Imunodeficiência Humana - VPH2/Vírus do Papiloma Humano - e suas consequências) bem como os métodos de prevenção. Saber como se protege o seu próprio corpo, prevenindo a violência e o abuso físico e sexual e comportamentos sexuais de risco, dizendo não a pressões emocionais e sexuais;
- Conhecimento das taxas e tendências de maternidade na adolescência e compreensão do respectivo significado;
- Conhecimento das taxas e tendências das interrupções voluntárias de gravidez, suas sequelas e respectivo significado;
- Compreensão da noção de parentalidade no quadro de uma saúde sexual e reprodutiva saudável e responsável.

## 7. Metodologia/ Estratégias



Um qualquer programa de educação sexual deve estar centrado nas necessidades da população, isto é, ter em atenção as características e vivências da faixa etária da população a que se destinam.

Centrado em metas como são a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de atitudes e competências pessoais e sociais, é muito importante que se escolham e usem as estratégias e metodologias mais ajustadas e adequadas. Na verdade, o modo como a Educação Sexual é posta em prática pode estabelecer toda a diferença. Os autores são unânimes em afirmar que são as metodologias participativas que possibilitam o desenvolvimento de saberes e competências tão complexas, uma vez que são essas que promovem o aluno como principal agente da sua própria aprendizagem.

As metodologias participativas expressam-se na utilização de um conjunto muito vasto de técnicas. Não sendo o nosso objetivo descrevê-las exaustivamente, parece-nos, sim, importante abordar algumas das mais frequentemente utilizadas:

### **a) Trabalho de pesquisa**

O trabalho de pesquisa, ajuda o aluno a clarificar ideias levando-o a interrogar-se sobre os diferentes aspetos do tema em estudo.

A pesquisa de informação pode ser feita com base em inúmeras e diversificadas fontes: livros, revistas, jornais, Internet, etc., podendo recorrer-se também a entrevistas, trabalho de campo, arquivos e visitas de estudo.

Deve ter-se em conta dois aspetos principais:

- 1- Fazer um plano de trabalho e definir que informações são necessárias;
- 2- Reorganizar as informações e apresentação finais, sob a forma de um texto escrito ou uma apresentação oral.

### **b) Brainstorming ou «Tempestade de ideias»**

Consiste em listar, sem a preocupação de discutir num primeiro momento, todas as sugestões que o grupo ou a turma fazem sobre determinada questão ou problema. A lista deve ser constituída por palavras ou frases simples.

Após as sugestões dos alunos deve-se aprofundar a discussão e esclarecer as dúvidas e as ideias erradas.

### **c) Resolução de problemas**

Mediante a utilização de histórias, casos reais ou dilemas morais, incentiva-se a discussão para a resolução de problemas comuns com os quais os alunos podem vir a ser confrontados.

Os jornais, as revistas ou as histórias populares podem ser utilizados de formas diferentes:

- Pode ser utilizada uma história sem final e, nesse caso, pedir-se-á aos grupos ou à turma que criem um ou vários finais possíveis;
- Pode ser utilizada uma história pedindo aos participantes para atribuírem diferentes valores às várias personagens;
- Pode-se pedir ao(s) grupo(s) que identifique(m) uma ou várias soluções para cada caso.

### **d) Jogos de clarificação de valores**

Consiste em promover o debate entre posições diferentes (podendo ou não chegar-se a consenso), através da utilização de pequenas frases que sejam opinativas e polémicas.

Pode-se pedir a um dos participantes para assumir a defesa da opinião expressa na frase, a um segundo para a atacar (ainda que essas não sejam as suas posições na realidade) e a um terceiro ainda que observe o debate, para depois o descrever ao grande grupo.

Podem utilizar-se escalas do tipo «concordo totalmente», «concordo em parte» «é-me indiferente» «discordo em parte» e «discordo totalmente», fazendo mover as pessoas na sala para cada uma das posições (que são afixadas nas paredes), ou utilizando as opiniões individuais para o debate em pequenos grupos e, numa fase posterior, em grande grupo.

### **e) Utilização de questionários**

Em geral, os questionários são utilizados para recolher conhecimentos e opiniões existentes. No entanto, também podem ser utilizados para transmitir (e não apenas para avaliar) conhecimentos.

### **f) Role play ou dramatização**

Consiste na simulação de pequenos casos ou histórias em que intervêm o número de personagens desejadas. Funciona bem quando são os próprios alunos, em grupo, a elaborarem o texto dramático. As dramatizações não devem ser longas (cerca de 10 minutos) e devem ser complementadas com debate em pequeno ou em grande grupo. É uma forma particularmente dinâmica de analisar uma situação ou provocar um debate.

O role play pode ser eficazmente aproveitado no treino de determinadas competências, tais como saber escutar o outro, desenvolver o relacionamento interpessoal ou saber expressar sentimentos.

### **g) Visita externa**

Pode aproveitar-se de forma bastante mais eficaz a visita de alguém especialista num determinado assunto se houver uma apresentação anterior à visita e uma preparação das perguntas e questões que a turma desejaria colocar.

A visita pode, também, ser complementada com um trabalho em grupo, em que são pedidas opiniões, sínteses ou dúvidas que tenham ficado após a visita.

### **h) Produção de cartazes**

É uma forma de organizar a informação recolhida (textos, fotografia, gráficos, esquemas, etc.). Pode ser apresentada ao grande grupo, ou pode ser uma forma de fomentar a discussão à volta de um tema.

Nesse caso pede-se com antecedência aos participantes que tragam revistas, jornais, textos retirados da internet ou de livros, relacionados com um dado tema que se vai debater.

### **i) Caixa de perguntas**

Consiste na recolha prévia e anónima de perguntas sobre temas de interesse da turma ou de levantamento de necessidades. Pede-se a cada sujeito que formule duas ou três perguntas por escrito, numa folha de papel que posteriormente é dobrada em quatro e colocada numa caixa (tipo urna de voto). É muito importante que o professor responda a todas as perguntas de forma clara e com correcção científica.

### **j) Fichas de trabalho**

Facilitam o desenvolvimento dos trabalhos, e devem ser construídas de acordo com os objectivos a alcançar:

- Recolha de informação;
- Exploração de informação;
- Síntese de informação;
- Avaliação.

Têm ainda a vantagem de serem um óptimo recurso, quando o tempo para a actividade é curto.

### **I) Exploração de vídeos e outros meios audiovisuais**

Estes materiais podem ser um auxiliar muito importante para o desenvolvimento das actividades. Aconselha-se que sejam diferenciados os momentos «antes da projecção» e «após projecção»:

- Antes da projecção - Deve haver recolha de perguntas e assuntos que a turma ou grupo deseja ver tratados de forma a ajustar às necessidades do grupo.
- Após a projecção - É importante identificar as partes do vídeo que apresentem mais interesse, os conhecimentos que ficaram e as dúvidas que surgiram.

A construção de guiões de exploração permite uma síntese dos conhecimentos adquiridos e a reflexão crítica sobre o material visionado.

## 8. Planificação



(1977) Educação sexual (1)

Os itens constantes que devem fazer parte da planificação do Projeto de Educação Sexual de cada turma são:

- Disciplinas intervenientes;
- Conteúdos;
- Objetivos;
- Estratégias/Atividades – devem ser referenciadas as atividades constantes nos cadernos PRESSE;
- Recursos;
- Avaliação;
- Calendarização;
- Outras modalidades de ação.

No entanto, cada Diretor de Turma /Titular de Turma pode sempre elaborar a sua planificação acrescentando outro tipo de informação que lhe pareça pertinente.

## 9. Calendarização

A planificação depois de devidamente elaborada tem de ser entregue ao Coordenador do Projeto de Educação para a Saúde e Educação Sexual do Agrupamento, assim que elaborada. Contudo, convém alertar para a importância de se dividir equilibradamente o número de horas previstas para a abordagem da Educação Sexual, em cada ano de escolaridade, pelos diferentes períodos letivos (artigo 5.º da Lei n.º 60/2009 de 6 de Agosto).

A carga horária dedicada à educação sexual deve ser adaptada a cada nível de ensino e a cada turma, não devendo ser inferior a seis horas para o 1º e 2º ciclos do ensino básico, nem inferior a doze horas para o 3º ciclo.

***Nota: A partir do ano letivo 2011-2012, para os diferentes níveis de ensino (1º, 2º e 3º Ciclos), a implementação da Educação Sexual é em função do Programa PRESSE.***

## 10. Avaliação

Com o objetivo de se obter uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido, no final do ano letivo a equipa do PESES disponibilizará um questionário de Avaliação do Projeto, a ser preenchido pelo Diretor de Turma, ouvidos todos os intervenientes no processo, baseado nos seguintes parâmetros:

- Número de horas estabelecidas para cada ciclo;
- Conteúdos previstos para cada ano de escolaridade;
- Impacto das atividades na aprendizagem dos alunos;
- Produto final do Projeto.



# 11. Bibliografia Recomendada

## Livros:

ALCOBIA, H., Mendes, A.R., et al. (2004). Educar para a sexualidade. Porto Editora.

ANDRADE, Maria Isabel (1992), Entre a Sida e a vida, Porto Editora.

BERDÚN, L. (2000). Na tua casa ou na minha - Tudo o que os jovens querem saber para uma sexualidade sem dúvidas. Porto: Areal Editores.

BRULLER, Z. & BRULLER, H. (2004). Guia da vida sexual da malta nova. Porto: Edições ASA.

BULL, David (2003), Tudo o que uma rapariga deve saber, Temas e Debates - Actividades Editoriais.

CARPINTEIRO, E. (2004). Prevenção de riscos associados ao comportamento sexual. DST e SIDA. Lisboa: APF.

CASANOVA, Sebastião (2002), 101 Maneiras de ter uma boa vida sexual, Garrido Editores.

EVAX, No Espelho..., As mudanças no corpo - A Adolescência e Tu, Projecto Educativo para o Ensino Básico”.

EVAX, Programa Didáctico, A Adolescência e Tu - Material para professores, 2º e 3º ciclo do Ensino Básico, (3 exemplares).

FINLAY, F., JONES, R. et al. (2001). Para saberes o que é a menstruação - Tudo sobre os períodos menstruais. Lisboa: Terramar.

FONSECA, Helena (2005), Compreender os adolescentes, um desafio para pais e educadores, Editorial Presença.

FORD, Michael Thomas (1992), Guia prático conta a Sida, 100 perguntas e 100 respostas, Terramar Editores, Lda.

FRADE, A. et al. (2001), Educação Sexual na Escola, Lisboa, Texto Editora.

HARRIS, R. & EMBERLEY, M. (1995). Vamos falar de sexo - Crescimento. Corpos em mudança, sexo e saúde sexual. Lisboa: Terramar.

KOHNER, Nancy (1997), Como falar às crianças sobre sexo, Lyon Edições.

PEREIRA, M.M. & Freitas, F. (2001). Educação sexual - Contextos de sexualidade e adolescência. Porto: Edições ASA.

PEREIRA, M.M., FREITAS, F. (2001). Educação sexual - Contextos de sexualidade e adolescência. Porto, Edições ASA.

PEREIRA, Maria Manuela Melo de Carvalho (2006), Guia de educação sexual e prevenção do abuso, Coimbra. Pé de Página Editores.

PIRES, Pedro (2005), Ser rapaz é fixe, Impala.

POLY, M. & PAGÈS, J. (1997). Quando os adolescentes despertam para a sexualidade - Tudo aquilo que eles não sabem e que você talvez já tenha esquecido. Lisboa: Terramar.

ROBERT, J. & JACOB, J. (2006). A minha sexualidade - Dos 9 aos 13 anos. Porto Editora.

ROCA, N. (2002). Sou uma adolescente. Lisboa: Editorial Presença.

ROCA, Núria (2006), Sou um adolescente, Editorial Presença.

ROCA, Núria (2006), Sou uma adolescente, Editorial Presença.

SANDERS, P. & SWINDER, L. (1995). Para me conhecer. Para te conhecer... Estratégias de Educação Sexual para o 1º e 2º ciclos do Ensino Básico. Lisboa: APF.

SAULIÈRE, D. & DESPRÉS, B. (2004). Abusos sexuais não!. Lisboa: Terramar.

SPITZ, Christian (1996), Tudo o que os adolescentes querem saber, Publicações D. Quixote.

STOPPARD, Mirriam (1997), Os jovens, o amor e o sexo - crescimento, relacionamentos e sexo, Editora Civilização.

SUPLICY, M. (1995). Sexo para adolescentes. Edições Afrontamento.

VAZ, J. (1996). Educação sexual na escola. Lisboa: Universidade Aberta.

VILELLA, Asunción (coor.), (1997), Enciclopédia da Sexualidade, MCMXCVII Oceano Editorial, S.A.

YOUNGS, Bettie B., YOUNGS (2005), Jennifer, Tudo sobre a adolescência, Temas e Debates - Actividades Editoriais.

## **12. Anexos**

- Propostas de Planificações do 1º, 2º e 3º Ciclo.
- Cadernos de atividades do PRESSE

